

Expressões médicas: falhas e acertos

Medical expression: failures and hits

Simônídes Bacelar,¹

Carmem Cecília Galvão,²

Elaine Alves³

Paulo Tubino⁴

Trabalho realizado na UNB – Faculdade de Medicina – Hospital Universitário da Universidade de Brasília – Centro de Pediatria Cirúrgica.

1. Médico Assistente, Professor Voluntário, Centro de Pediatria Cirúrgica do Hospital Universitário da Universidade de Brasília.

2. Bacharel em Língua Portuguesa e Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília.

3. Professora Adjunta de Cirurgia Pediátrica, Universidade de Brasília.

4. Professor Titular de Cirurgia Pediátrica, Universidade de Brasília.

Bacelar S, Galvão CC, Alves E, Tubino P. Expressões médicas: falhas e acertos. Rev. Med. Res., Curitiba, v.14, n.4, p.265-269, out./dez. 2012.

No sentido de. É expressão de uso corrente e não se diz que é incorreta. Mas acatados autores condenam seu uso por estar muito desgastada e por dar impressão de carência vocabular. É expressão prolixa e, frequentemente, pode ser substituída por simples para: Solicitamos cooperação dos funcionários no sentido de (para) manter a limpeza do ambiente. Solicitamos a atenção de V. S no sentido de (para o) envio da escala de plantão em prazo útil. Observa C. Souza-Dias (Erros Vernáculos Mais Frequentemente Cometidos no Meio Médico Acadêmico. Parte I. Arq Bras Oftal 1999; 62(3): 229-33), médico do conselho editorial da Revista Brasileira de Oftalmologia, que é mais um exemplo de pseudo-erudição, por se presumir que no sentido de seja bem mais bonito que um simples para. Em seu livro, Manual de Redação e Estilo, o jornalista Eduardo Martins Filho (1997) aconselha usar para sempre que “no sentido de” tiver esse valor sêmico. Recomenda D. Tufano (Michaelis -- Português fácil, 2003) evitar formações do tipo: Estudei no sentido de (para) passar no vestibular. Viemos no sentido de (para) entregar-lhe este bilhete. No boletim “Normas para Publicações da UNESP” (Univ. Estadual de São Paulo), 1994, inclui-se “no sentido de” entre expressões não-recomendáveis em publicações, ao lado de “a partir de (fora do valor temporal)”, “através de” em lugar de por meio de ou por intermédio de, “devido a”, “fazer com que”, “sendo que” e outras.

Nome de especialidades: maiúsculas ou minúsculas? Os nomes de profissões e de especialidades (como atividade médica profissional) são substantivos comuns e escrevê-los com inicial maiúscula dá aparência de preciosismo. É orientação da Comissão de Lexicografia da Academia Brasileira de Letras, descrita no Formulário Ortográfico (VOLP), instrução n. 49: emprega-se letra inicial maiúscula nos nomes que designam artes, ciências ou disciplinas bem

como sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho do saber; em nomes de repartições, corporações, agremiações, edifícios, estabelecimentos públicos ou particulares; em títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas. || Como profissão, especialidade ou atividade médica: Trabalho com gastroenterologia. Atendido no ambulatório (consultório) de endocrinologia. Pedimos parecer da neurologia. O tema do debate é um caso de dermatologia. Trabalho com marcenaria. Dedico-me ao jornalismo. Sou especialista em funilaria. Gosto de pintura. || Houaiss dá especialidade como atividade, profissão ou campo de conhecimento que alguém particularmente domina. Dá exemplo: Sua especialidade é a pediatria. || O Aurélio também dá especialidade como trabalho, profissão, ramo dentro de uma profissão e dá exemplo: A especialidade daquele médico é cirurgia plástica. || O dicionário da UNESP também dá registro na mesma linha: especialidade área específica do conhecimento. Exemplifica: A acupuntura não pode ser considerada uma especialidade médica. || Entretanto, como ramo da medicina, no sentido elevado de ciência, escreve-se a “especialidade” com inicial maiúscula (v. adiante). || Como nome de instituição, corporações: Trabalho na Unidade de Gastroenterologia. Inauguramos o Ambulatório de Endocrinologia. Sociedade Brasileira de Pediatria. Trabalho no Departamento de Marcenaria. Freqüente a Academia de Jornalismo. Faço parte do Grupo de Estudos de Funilaria. Departamento de Pintura e Artes Plásticas da Escola de Belas Artes. || Como disciplina, ciência ou arte: Ensino Gastroenterologia na faculdade. Consultei o livro Tratado de Endocrinologia. Tirei boa nota em Marcenaria na escola do Senac. Gostaria de ser professor de Jornalismo na faculdade. A Funilaria do Sesc é matéria rigorosa. Fui aprovado em Pintura. || Como ramo do saber humano em sentido elevado, tomados em sua dimensão mais ampla: A Gastroenterologia tem evoluído muito no País. A Marcenaria sempre foi importante na área habitacional. O Jornalismo foi um marco no desenvolvimento da sociedade. A Funilaria contribuiu enormemente para o conforto da população. A Pintura teve grande desenvolvimento na França. Mas podemos ser flexíveis. Fica a critério.

Números ordinais. A forma recomendável é escrever um algarismo arábico seguido de ponto (sinal de abreviatura) e as letras “o” ou “a” sobrescritas (desinências de gênero: primeiro, primeira, décimo, décima), como nos exemplos: 1.o, 2.a, 5.o, 20.o, 500.a, 230.o. As formas plurais seguem as normas gramaticais: 1.os, 1.as, 10.os, 10.as. Essa é a forma que consta nos livros de gramática de melhor referência (Celso Cunha e Lindley Cintra, Napoleão Mendes de Almeida, Domingos Cegalla, Evanildo Bechara e outros) e no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, elaborado, por indicação de lei federal (lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971), pela Academia Brasileira de Letras, o que oficializa a norma supradescrita. A forma sem ponto caracteriza a menção de graus (2º, 100º, 1500º) e omite o ponto, sinal normalizado de abreviação. A forma com pequeno traço sob a desinência de gênero (1o, 5a) também existe na linguagem, mas deixa omissos o ponto abreviativo, o que também torna incompleta e não preferencial essa forma.

Obstetriz. Há, às vezes, falta de clareza no uso desse nome. Os dicionários da língua portuguesa, em geral, dão obstetriz como sinônimo de parteira, e parteira, como indicativo de mulher, formada ou não, que assiste partos. Na literatura, encontram-se referências como

enfermeira obstetrix, enfermeiro obstetrix diplomado, o titular de diploma ou certificado de obstetrix –o que mostra ser obstetrix nome usado também em referência a homens, como se vê nas páginas de busca da internet. O Aurélio (2004), o Houaiss (2001) e outros léxicos trazem parteira na acepção de mulher que, sem ser médica, assiste partos, e parteiro, médico especialista em obstetrícia, também tocólogo (Larousse, 1992) ou tocologista (Rey, 2003). Registra-se obstetra como derivação regressiva de obstetrix, mas, nesse caso, obstetra é médico, ou medicâncer, que se dedica à obstetrícia (Michaelis, 1998). Do latim obstetrice ou obstetrix, parteira; de obstare, ficar em pé; de ob, diante de, e stare, estar de pé (Ferreira, 1996; Haubrich, 1997) o que indicava mulher que ficava em pé diante da parturiente e assistia seu parto (Haubrich, ob. cit.). Obstetrix é nome de pouco uso. Está omissa no dicionário UNESP (2004), no de L. Rey (2003), no de Céu Coutinho (1977), no da Academia das Ciências de Lisboa (2001) e em outros. Em vista do exposto, para evitar ambiguidades e obscuridades, convém usar obstetrix em referência a mulher parteira, formada ou não, e obstetra médico ou médica especialista em obstetrícia. Em casos de mulher formada ou homem formado, indica-se acrescentar seu título: médica obstetrix, enfermeira obstetrix, enfermeiro obstetrix.

Onde. É questionável usar onde, advérbio de lugar, como pronome relativo para substituir em que, no qual, segundo o qual, etc. (Martins, 1997) ou com ideia de tempo (período onde), causa, motivo, conclusão (Silva, 2004, p. 60). De acordo com o Prof. Joffre Rezende (1982), é recomendável evitar dizeres como: “Paciente onde se fez o diagnóstico”, (Paciente do qual se fez o diagnóstico), “Um caso onde o tratamento é clínico”, (Um caso em que o tratamento é clínico), “Quadro onde o processo é recente”, (Quadro em que o processo é recente), “Técnica onde se resseca um órgão”, (Técnica em que se resseca um órgão), “Exame onde se vê a lesão”, (Exame no qual se vê a lesão), “Esplenomegalia onde há dor”, (Esplenomegalia em que há dor), “Doença onde há muitas recidivas”, (Doença em que há muitas recidivas), “Nas populações onde as doenças são freqüentes.”. (Nas populações em que as doenças...). Também são censuráveis dizeres com aonde como: “Foram avaliados 17 pacientes aonde foram coletadas amostras isoladas de urina.”, “Apresentamos cinco casos de megacólon congênito total aonde se empregou a operação de Martin”, “No ovário policístico aonde pode haver hiperandrogenismo”, “Casos aonde o nariz necessita ser encurtado”. Recomenda-se usar pronomes relativos em que, no(a) qual. Aonde é advérbio de lugar que se emprega em relação a movimento: Vou aonde v. vai. Iremos aonde haja melhor atendimento. Chegaram aonde planejaram. || Reserve-se onde para se referir a um lugar concreto. Por exemplo: No hospital onde fomos atendidos. No centro cirúrgico onde fomos operados. Na mesa onde estão meus documentos. || Apesar dessa impropriedade, respeitáveis autores empregam onde como equivalente a qual. Napoleão M. de Almeida cita exemplo de Rui Barbosa e apoia esse conceito: “Onde, aonde e outros advérbios são chamados advérbios relativos por poderem equivaler a qual” – refere o mestre (1996, p. 384). Mas evitem-se frases como esta, dita num congresso médico: “O paciente recebe um sapato onde ele possa deambular”. Deveria ser: O paciente recebe sapatos com que possa deambular. Usar adjetivos por substantivos, pronomes por adjetivos, advérbios por adjetivos e outros casos de desvios de função sintáticas são comuns na

linguagem em geral o que é legítimo. Porém, usar cada nome em sua própria função pode ser indicativo de disciplina, estruturação e organização redacional, o que pode exprimir mais seriedade aos documentos e relatos científicos formais.

Orquidopexia – orquiopexia. São nomes que existem há muito tempo na linguagem. Assim, são fatos da língua e podem ser usados. Mas orquiopexia tem melhor formação vocabular e, assim, é melhor forma. Orquidopexia tem sido alvo de críticas, o que ocasiona restrições de uso. Orqui – orquio – orquid – orquido são prefixos provenientes do grego orkis, orkiós, gônada masculina. Apesar de orqui ser prefixo existente em diversos vocábulos (orquicoréa, orquineuralgia, orquipausa), nos dicionários, não há orquipexia. Há orquiopexia e orquidopexia. Não obstante, o segundo termo é irregular, porquanto órkidos é forma errônea de genitivo grego (Cardenal, 1958). Da raiz ork, forma-se o tema orki, prefixo de vários termos médicos em diversas línguas, introduzidos na linguagem científica a partir do século XIX. Em português: orqui. Orquio é o tema grego orki acrescido da vogal de ligação o. Pela praxe, as palavras de sentido restritivo procedentes do grego originam-se do genitivo dessa língua. Daí, orquiopexia é o vocábulo regular, pois tem o elemento orquio procedente do genitivo grego orkeos ou orkios (e não, orkidos), com valor restritivo. R. Galvão (1909) pondera que “o Dict. de Littré e outros trazem – orchidopexie – donde pareceria justificar-se a forma orchidopexia; mas, de facto, não existindo o δ (delta) no radical ὄρκις (órkhis), e formando-se os mais derivados congêneres com a flexão orkhio, claro é que em português o vcb. correcto e aceitavel é – orchiopexia –”. Outra interpretação é que o elemento orquido, forma-se dos elementos gregos orkis, gônada, e idion, partícula que indica diminutivo, o que dá o significado de gônada pequena (Pinto, 1962), classificação vaga ou inexpressiva por não indicar elementos comparativos e, assim, inadequado para uso generalizado em relação a testículos de todos os volumes. A linguagem é feita pelo povo e deve ser considerada como de fato ela é em todas as suas formas e em todos os elementos de que é constituída. Contudo, como ocorre com as atividades humanas, também na linguagem existem os níveis melhor, médio e ruim. O grau de organização e disciplina pode determinar uma seleção, particularmente, para uso em relatos científicos formais.

Ortopedia. Ortomorfia é nomenclatura mais adequada para designar essa parte da Medicina (Galvão, 1909), mas ortopedia está consagrada na linguagem. Esse termo foi cunhado pelo professor francês Nicolas Andry (1658–1742), nascido em Lyon, decano da Faculdade de Medicina de Paris, que o utilizou em sua obra *L'orthopédie ou l'art de prévenir et corriger dans les enfants les difformités du corps*, Paris, 1741, Bruxelles, 1743. Originalmente, referia-se ao tratamento de deformidades em crianças. Posteriormente, passou a designar correções também em adultos. Do grego orthós, direito, e país, paidós, criança. Pelo exposto, é redundante a expressão ortopedia pediátrica. Contudo, é termo consagrado pela Lei do Uso.

Ostomia – ostoma – ostomizado – osteoma. Todos são termos amplamente usados na linguagem médica. Ostomizado é forma incorreta de “ostomizado”, neologismo mal formado e, assim como ostomia, é inexistente nos dicionários. Melhor seria estomizado, do grego stóma, boca, e -izado. Em português, as formas derivadas de stoma fazem-se com "e" prostético, não "o", quando inicia palavra: estoma, estomatite, estomódio como se vê no VOLP (Academia, 2004). Não há “ostoma”, nem “ostomia”. Estoma é nome regular, autônomo e existente no léxico (Academia, ob.

cit.). Ex.: estoma distal (ou proximal) da colostomia. Geralmente é usado para compor vocábulos: estomalgia, estomatomicose. O termo colostomia, por exemplo, é composto de três elementos: colo + estoma + ia ou colo + stoma + ia. Do mesmo modo, podem ser também decompostos os vocábulos vesicostomia, ileostomia, nefrostomia, colecistostomia, traqueostomia e semelhantes. Outrossim, não há estomia na generalidade dos dicionários como palavra independente. Entretanto, é nome muito presente na literatura médica: “O atrativo da técnica é a presença de única estomia” e “Verificou-se a ocorrência de dermatite periestomia”, “efluente líquido das estomias” (A. Lopes e cols., Braz J Urol, v. 27 (supl. 1), 2001, p. 159); “Estomias e drenos veiculam secreções digestivas e secreções purulentas” (Margarido & Tolosa, Técnica Cirúrgica Prática, 2001). O VOLP (Academia, ob. cit.) registra estômia. Ostomia é irregularidade gráfica indiscutível. Osteoma, em lugar de estomia ou estoma, é desconserto grosseiro. Tem sido adotado, em Medicina o termo estomoterapeuta, neologismo útil e bem formado. No VOLP, há estomocefalia, estomocéfalo, estomogástrico, estomografia entre outros. Importa reiterar aqui que, na formação de palavras procedentes do grego ou do latim, usa-se o "e" prostético (não "o") antes de termos iniciados por s, seguido de outra consoante. Exemplos: species>espécie, stilus>estilo, spatium>espaço, stómachós>estômago, estratégia>estratégia, stoma>estoma. Note-se que não se diz “fazer uma oscopia” mas, fazer uma escopia, tendo em vista os termos histeroscopia, gastroscopia, duodenoscopia, rinoscopia, otoscopia, colonoscopia.

Paciente com suspeita de apendicite. Construção dúbia. Não é o paciente que está com suspeita, mas o médico assistente é que tem a suspeita. É mais adequado dizer que o paciente está com manifestações ou quadro de apendicite. Dubiedade é vício de linguagem assaz criticado pelos cultores do bom estilo de linguagem.

Paciente evoluindo estável. Frase de lógica questionável, encontrada em prontuários de pacientes. Mais adequado: Paciente em condições estáveis. Ou: paciente sem alterações do quadro mórbido. Não é o paciente, mas a doença é que evolui e transforma o paciente com sua evolução. Evoluir significa passar por transformações. Se está evoluindo, não é estável.

Paciente evoluiu com. Expressão extremamente desgastada. Além disso, em rigor, é a doença (não o paciente) que evolui, isto é, se transforma, apresenta complicações, diversas manifestações, desaparece ou leva o paciente ao óbito. Paciente e doença são entidades diferentes. O enfermo sofre a doença e toma providências contra a evolução dela. Pode-se usar outros verbos ou mudar a construção da frase. Ex.: Paciente evoluiu com (apresentou) dor e febre. A criança evoluiu com (teve) melhora do quadro. O doente evoluiu bem no pós-operatório (O pós-operatório transcorreu bem).